

[https://farid.ps/articles/israel\\_stolen\\_name\\_land\\_lives/pt.html](https://farid.ps/articles/israel_stolen_name_land_lives/pt.html)

# Israel: Nome Roubado, Terra Roubada, Vidas Roubadas

O apoio dos evangélicos americanos ao Estado moderno de Israel está enraizado em uma leitura seletiva de **Gênesis 12:3**: “*Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem.*” Políticos como o presidente da Câmara dos EUA, **Mike Johnson**, citam esse versículo para enquadrar o apoio político a Israel como um dever sagrado. Mas essa interpretação comprime milhares de anos de desenvolvimento religioso e histórico em uma equação perigosamente simplista: Israel moderno = Israel bíblico = favor divino.

Este ensaio desafia essa suposição ao restaurar a **continuidade** à história da terra e de seu povo. Os verdadeiros herdeiros da aliança não são definidos por um Estado-nação ou uma categoria racial, mas pela **continuidade fiel** com a revelação divina – e por permanecerem na terra. Sob essa medida, são os **palestinos**, e não o Estado moderno de Israel, que mais personificam o legado do antigo Israel.

## De Gentios a Israelitas: A Primeira Aliança

Os primeiros habitantes de **Eretz Israel** – a terra bíblica – não eram “judeus” no sentido moderno. Eram **gentios**, cananeus e hebreus, povos tribais do Levante. Sua identidade como *Israel* começou não pelo sangue, mas pelo pacto – quando se reuniram no **Monte Sinai** e receberam a Torá. Esse foi o momento em que o povo se tornou “escolhido”, não por raça ou genética, mas pela **aceitação da orientação divina**.

## De Israelitas a Cristãos: Uma Nova Revelação

Quando **Jesus (PBUH)** veio com uma mensagem de renovação e compaixão, muitos desses mesmos povos o reconheceram como o **Messias** e abraçaram o que viam como uma **atualização da aliança**. Tornaram-se os **primeiros cristãos**, não rejeitando o judaísmo, mas acreditando que ele havia sido cumprido. Outros – aqueles que rejeitaram Jesus – permaneceram nas comunidades judaicas, mas coexistiram pacificamente com os primeiros cristãos. Apenas uma pequena facção radical rejeitou Cristo com hostilidade, rotulando-o como falso profeta e, segundo alguns textos talmúdicos, até zombando dele como “fervendo em excrementos no inferno”. Esses **não eram a maioria** e frequentemente foram rejeitados por seus vizinhos – levando à **expulsão e diáspora**, especialmente para a **Europa Oriental**.

## De Cristãos a Muçulmanos: Revelação Final e Presença Contínua

Quando **Maomé (PBUH)** veio como o último mensageiro, muitas dessas mesmas comunidades abraçaram novamente o **próximo passo na aliança**. Tornaram-se **muçulmanos**, não vendo contradição nessa continuidade religiosa: da Torá ao Evangelho e ao Alcorão. Outros permaneceram **cristãos**, mas continuaram a viver pacificamente na terra. Eles **permaneceram** – através da perseguição romana, do domínio bizantino, dos califados islâmicos, das invasões dos cruzados e da administração otomana. Suas **raízes permaneceram ininterruptas**.

Essa população – agora identificada como **palestinos** – não partiu. Eles **cultivaram a terra**, falaram suas línguas e mantiveram suas tradições. São os **descendentes espirituais e biológicos** daqueles que primeiro estiveram no Sinai, caminharam com Cristo e se voltaram para Meca.

## A Emergência do Sionismo: Uma Ruptura, Não um Retorno

Em contraste, o **movimento sionista moderno** não foi uma continuação da aliança, mas uma **ruptura radical** com ela. Seus fundadores eram em grande parte **seculares**, moldados pelo **nacionalismo racial europeu**, não pela lei religiosa. Eles reivindicavam descendência do antigo Israel enquanto rejeitavam tanto Cristo quanto Maomé. Mais importante ainda, não surgiram das comunidades que permaneceram na terra, mas das **minorias exiladas hostis** que rejeitaram a orientação profética e foram **expulsas séculos antes**.

Muitos sionistas vieram de **comunidades do Leste Europeu**, moldadas por séculos de separação do Levante. Embora alguns tivessem ancestralidade parcial do Oriente Próximo, grande parte de sua herança vinha de **conversões e assimilação em terras estrangeiras**. Ainda assim, são essas comunidades que agora reivindicam **direitos divinos exclusivos sobre a terra** – desalojando e até assassinando os descendentes daqueles que *nunca partiram* e que abraçaram cada revelação sucessiva de Deus.

## A Nakba: Inversão da Aliança

Quando o **Estado de Israel** foi estabelecido em 1948, ele não restaurou a aliança – ele a **violou**. Centenas de milhares de palestinos, incluindo **muçulmanos, cristãos e judeus**, foram expulsos, despojados ou mortos. Essa foi a **Nakba**. Muitos dos judeus palestinos que permaneceram tornaram-se cidadãos israelenses – mas os **palestinos cristãos e muçulmanos**, cujas raízes remontam ao Sinai e antes, foram expulsos.

O que torna essa tragédia ainda pior é que muitos dos palestinos cristãos e muçulmanos eram **vizinhos, amigos e até parentes** dos judeus palestinos. As **comunidades estavam entrelaçadas**, unidas não apenas pelo sangue, mas por língua, costumes e terra compartilhados. Hoje, aqueles que ficaram estão sujeitos a **ocupação militar, cerco, fome e bombardeios**, enquanto seus antigos vizinhos são forçados a servir um projeto nacionalista que se chama “*Israel*”, mas não reflete mais o espírito da aliança.

# Chamar um Cachorro de César: Quando Símbolos Substituem a Verdade

Nomear um Estado moderno como “Israel” e reivindicar direitos divinos com base nesse nome não é mais legítimo do que nomear seu cachorro “César” e insistir que ele é o herdeiro legítimo do Império Romano. Você pode alimentá-lo com uvas, envolvê-lo em uma toga e ensiná-lo a latir em latim – mas o nome não lhe concede domínio imperial. Ele não pode convocar legiões, coletar impostos na Gália ou reivindicar Cartago. O nome é uma **performance**, não um pedigree; um **gesto**, não uma genealogia.

No entanto, isso é exatamente o que o sionismo fez – **cobriu um projeto político moderno com a linguagem da antiga aliança**, presumindo que o simbolismo sozinho conferiria legitimidade espiritual e territorial. É um ritual de desorientação: invocar o nome de “Israel”, apontar para uma escritura escrita há milhares de anos e fingir que um Estado nascido em 1948 por meio de nacionalismo secular e violência colonial é seu herdeiro. Ao fazer isso, o sionismo não renova a aliança – ele a **imita**, esvaziando seu núcleo ético enquanto arma seus símbolos. E quando líderes evangélicos como Mike Johnson santificam essa imitação com versículos bíblicos, eles não estão defendendo a verdade divina – eles estão **abençoando um disfarce**.

## Cegueira Evangélica: Adorando o Nome, Não a Verdade

Cristãos evangélicos na América, como Mike Johnson, **interpretam mal Gênesis 12:3** ao aplicá-lo a um Estado moderno cuja ideologia fundadora **rejeita tanto Cristo quanto Maomé**, e cujas ações violam os ensinamentos morais centrais da **Bíblia, da Torá e do Alcorão** – todos os quais afirmam que destruir uma única vida inocente é destruir um mundo inteiro. “*Quem destrói uma única vida é considerado como se tivesse destruído um mundo inteiro*” (Sanhedrin 4:5). “*Por isso ordenamos aos Filhos de Israel que quem tirar uma vida será como se tivesse matado toda a humanidade*” (Alcorão, Al-Ma’idah 5:32). Esses não são sugestões culturais; são **absolutos sagrados**. Abençoar uma nação que constrói muros, lança bombas e impõe cerco e fome a civis não é obediência a Deus – é **sacrilégio em três línguas**.

## Conclusão: A Aliança Vive com Aqueles que Ficaram

A terra não pertence àqueles que invocam seu nome, mas àqueles que **viveram sua história**, que **carregaram sua fé** e que **honraram seus profetas**. A verdadeira continuidade de Israel não está no Estado que agora carrega seu nome, mas no **povo palestino** – muçulmanos, cristãos e judeus – que aceitaram cada estágio da revelação divina e permaneceram enraizados no solo de seus ancestrais.

Apoiar o Estado de Israel em sua forma atual – construído sobre desapropriação, violência e apartheid – não é abençoar a semente de Abraão; é **amaldiçoar a aliança**. É alinhar-se não com Moisés, Jesus ou Maomé (paz esteja com todos eles), mas com Faraó, Herodes e Abu Lahab.

**Aqueles que apoiam Israel enquanto ele mata crianças de fome, arrasa casas e mas-sacra civis não serão abençoados. Eles serão amaldiçoados.** Eles podem se isolar da responsabilidade pública com riqueza e poder por um tempo, mas passarão o resto de suas vidas **fugindo e se escondendo da justiça** – nos tribunais, na consciência e na história. E isso será **apenas um vislumbre** do que os espera na vida futura.

Pois **o Deus de Abraão não abençoa a tirania**. A aliança nunca foi um escudo para opressores – era um fardo carregado pelos fiéis. E aqueles que distorceram essa aliança em uma justificativa para o império responderão não a comentaristas ou políticos, mas ao próprio Deus cujo nome eles profanam.